

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

Não é, pois, obra para o leitor médio, mas sim muito útil instrumento de trabalho para arqueólogos e historiadores. Nesse aspecto, talvez não tivesse sido despendida a hipótese de dispormos de índices temáticos que viessem facilitar a sua consulta.

Conhecem os autores a bibliografia portuguesa; continua-se, porém, a não a saber citar: os portugueses devem ser referidos pelo último nome, sem ter em conta quaisquer preposições (Vasconcelos, José Leite de; Encarnação, José d'; Curado, F. Patrício; Bento, Mário Pires). Veja-se, como exemplo que pode trazer dificuldades, o caso de Armando Coelho Ferreira da Silva que, na p. 318, se refere em COELHO e, na p. 415, em SILVA. Curiosamente, até o próprio coordenador do volume vem mal colocado: não em RODRÍGUEZ COLMENERO, como é de norma em língua castelhana, mas em COLMENERO (p. 324), embora na ordem alfabética do ... Rodríguez!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Carmen CASTILLO, *Vestigia Antiquitatis*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona, 1997. 608 p. ISBN: 84-313-1552-0.

Inicia o volume uma nova série da colecção “Mundo Antigo” e a sua publicação teve como pretexto os 25 anos de cátedra universitária da sua autora e, como objectivo, “tomar mais acessível aos estudiosos um importante grupo de escritos da Prof Castillo”, como afirma Concepción Alonso del Real, na Introdução. Uma selecção difícil - são-no sempre - mas a selecção possível e manejável por “epigrafistas, prosopografistas e classicistas em geral”.

Teve a autora papel importante na selecção, conforme eia própria confessa no prefácio, e decidiu estruturar em três partes temáticas o conteúdo do volume: Epigrafia, Prosopografia e Literatura.

Inicia-se a colectânea com a reprodução das crónicas regularmente apresentadas nos congressos quinquenais de Epigrafia, desde 1972 a 1992, uma apresentação exaustiva das novidades epigráficas peninsulares a que já nos habituáramos e cuja falta sentimos no último congresso (Roma, 1997). Publicadas habitualmente na *Emerita*, sob o título genérico, “El progreso de la Epigrafia romana de Hispania”, constituíam, a par do que os investigadores do (então) Centre Pierre Paris (Université de Bordeaux III) periodicamente editavam na *Revue des Etudes Anciennes*, elemento de consulta imprescindível. O facto de aqui as termos reunidas é, pois, do maior alcance.

Seguem-se dez artigos: quatro são ainda, de certo modo, panorâmicas epigráficas; os demais abordam, em geral, casos particulares de inscrições interessantes, sendo os dois últimos dedicados a Navarra: as fontes epigráficas como fonte para o estudo da Navarra romana, a onomástica.

No âmbito da prosopografia, reproduzem-se os trabalhos efectuados sobre pessoas importantes da Bética (senadores, pontífices...), a investigação sobre a presença da tribo Galéria na Hispânia ou as relações entre a Península e a África romana no Alto Império vistas através dos testemunhos epigráficos.

Pertence Carmen Castillo ao Departamento de Filologia Latina. Não admira, por isso, que tenha querido incluir também na colectânea cinco títulos desta área científica, “representativos das orientações que considero preferenciais” (como afirma no Prefácio): a comédia, o Apologético de Tertuliano, Tito Livio, teorias de estilo.

Merecida homenagem (as pp. XXIX-XXXV trazem a bibliografia da homenageada, num total, se não erro, de 104 títulos, dos quais 30 recensões, mais 8 no prelo, um deles já publicado aqui); serviço notável prestado aos cultores da História Antiga peninsular, que assim dispõem facilmente de um precioso elemento de consulta.

Claro que - como em tudo - essa consulta carecerá, aqui e além, de um que outro ligeiro ajustamento, para que seja inteiramente rigorosa, pois, como é bem de ver, com tão grande acervo de documentação em presença, nem sempre tudo se transmite em pleno rigor.

Vejam-se quatro casos, a título de mera exemplificação:

- A propósito do volume II das *Fouilles de Conimbriga* (Paris, 1976), diz-se, na p. 24 (nota 10), que aí se estudam 111 inscrições. Não teve Carmen Castillo em conta nem as marcas sobre cerâmica e vidro (n^{os} 113-305) nem os grafitos (n^{os} 306-403): a inclusão de uns e outros foi, quanto sei, novidade em termos de *corpora* e saúda-se hoje esse pioneirismo.

- Escreve-se, na p. 68, que D. Fishwick reivindicou a autenticidade de CIL II41, uma epígrafe conimbrigense. Trata-se, sim, de CIL II41 *, texto que Hübner considerara falso, mas que já fora reabilitado, em 1894, por Krascheninnikoff. Teria sido fácil verificar esse facto no citado volume II das *Fouilles de Conimbriga* (p. 51), cujos autores são, aliás, da mesma opinião, integrando a inscrição no rol dos textos autênticos. Não há, pois, novidade, como poderia parecer, no texto de Fishwick.

- No âmbito das publicações epigráficas de 1988-1992, há a seguinte passagem na p. 143: “Em Dezembro de 1987 acabou de imprimir-se a 4^a edição do *Portugal Romano* de J. Alarcão” (sic). A frase tem a nota 16 que, teoricamente, deveria relacionar-se com a obra em apreço, como é habitual; mas não se relaciona, porque se trata de um simples pretexto para assinalar mais duas referências bibliográficas distintas: o estudo de Helena Gimeno sobre cinco inscrições inéditas detectadas em manuscritos (*Veleia* 6 1989 235-241) e o ensaio que fiz sobre a invenção de inscrições romanas por André de Resende (*Biblos* 67 1991 177-205). Deste último não só não se indicam as páginas como se faculta uma ideia errada, pois não se faz aí uma recolha das inscrições publicadas por André de Resende, trata-se de uma tentativa de mostrar como e porquê aquele humanista forjou inscrições romanas, o que é bem diferente.

- No entanto, ao citar (p. 145, nota 28) uma comunicação apresentada em *Epigrafia e Antichità* 12 (p. 237-259), não resistiu a colocar (sic) (como eu acabo de fazer acima em relação a Alarcão) na palavra “occidente”, “occident” no original francês que o revisor, italiano, por gralha tipográfica deixou inadvertidamente passar.

Mas, de um modo geral, estes relatórios da Prof. Carmen Castillo primam pelo rigor e, até, por um certo sentido de antecipação, como no caso do segundo Bronze de Botorrita (p. 151).

E fazemos votos de que, apesar de não ter participado no Congresso de Roma, haja também preparado para a *Emerita* o balanço da actividade epigráfica peninsular de 1993 a 1997.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Patrick LE ROUX, *Romains d'Espagne*. Armand Colin, Paris, 1995, 182 p. ISBN: 2-200-21593-2

O subtítulo faz a diferença: “Cités & politique dans les provinces: II^e siècle av. J. C. - III^e siècle ap. J. C.”

Na verdade, a perspectiva, aqui, não é predominantemente a arqueológica, como no caso da *Hispania Romana* de Simon J. Keay (Editorial AUSA, Barcelona, 1988); nem a político-administrativa de Antonio Tovar e José Maria Blázquez (*Historia de la Hispania Romana - La Península Ibérica desde 218 a. C. hasta el siglo V*, Alianza Editorial, Madrid, 1975) ou de L. A. Curchin (*Roman Spain Conquest and Assimilation*, Londres, 1991). A Patrick Le Roux interessaram, sobremaneira, as gentes: quem eram, o que pensavam, que fizeram invasores e indígenas, como se concretizou a aculturação, como se deu a aprendizagem, que conflitos, que manigâncias...

Quase 200 páginas densas, como o são habitualmente os escritos de Le Roux, onde uma análise de pormenor tende para a síntese, argumentada, vestida inclusive de bonita roupagem literária, como convém.

Obra de panorâmicas, é-o também texto de consulta - que para isso o Autor pensou nos índices: de fontes (literárias e jurídicas, epigráficas), de nomes próprios, geográfico, de assuntos. E fez bem.

Da bibliografia seleccionou a que mais se enquadrava na temática em apreço. E juntou glossário de termos mais ou menos técnicos (p. 149-153) - que a obra pode cair nas mãos de quem não esteja bem dentro dos assuntos e importa que compreenda a mensagem; e mapas e uma cronologia.

A introdução trata da “toga e da política”, da “identidade e da identificação”.

O capítulo I, que versa a constituição dos territórios (geografias, culturas e